

PRODUZIR É APRENDER

aprender para produzir

e LUTAR MELHOR

SAMORA MACHEL

CADERNO CULTURAL

edição de apoio à LISTA B

AO SERVIÇO DO POVO
VENCEREMOS

O texto que agora publicamos, da autoria de Sá da Costa, foi publicado em Outubro de 1971.

A sua publicação neste momento é uma resposta à necessidade de todos nós compreendermos como se vive nas zonas libertadas do jugo do colonialismo português, para tomarmos uma posição internacionalista justa ao lado dos povos das colónias.

Ele é um testemunho vivo da árdua, mas vitoriosa luta revolucionária que o povo Moçambicano com as armas e as enxadadas trava diariamente para expulsar da sua terra os ladrões assassinos colonialistas portugueses e para construir um país novo, independente, sem exploração nem opressão.

À frente da luta heróica do povo, está o seu destacamento de vanguarda, a FRELIMO. A justiça revolucionária da sua luta está claramente ilustrada neste texto.

Por isso o trazemos ao conhecimento e à discussão de todos os estudantes!

PRODUZIR É APRENDER *aprender* *para produzir e* LUTAR MELHOR

Dentro de pouco tempo vamos começar a preparar os machambas para um novo ciclo de produção. Para muita gente talvez a produção pareça um mito, uma necessidade, qualquer coisa que somos obrigado a fazer para comer e vestir.

É evidente que a produção deve satisfazer as nossas necessidades biológicas fundamentais. Mas ela é necessária para nos libertarmos da miséria, ela é necessária para melhor conhecer, dominar e utilizar a natureza, ela é necessária para nos formar politicamente.

Nós somos revolucionários, os nossos actos todos têm um sentido político, um conteúdo político. Por isso a nossa produção, além de ter um sentido e um conteúdo económico, têm um conteúdo político.

Na zona do inimigo, no capitalismo, no colonialismo, também se produz. Também o homem paga a enxada para ferir a terra. Também o homem na máquina da fábrica -que ainda não temos na nossa zona- constrói o objecto. No entanto, nós dizemos que a produção na zona do inimigo é exploração, enquanto que na nossa zona a produção liberta o homem. Contudo, é a mesma enxada, o mesmo homem, o mesmo gesto de ferir a terra. Porque será então que existe esta demarcação?

Quase todos conhecem a arma G3. A arma G.3 nas mãos do inimigo serve para oprimir e massacrar o Povo, mas quando capturamos uma arma G.3, ela torna-se um instrumento para libertar o Povo, para castigar os que massacram o Povo. A arma é a mesma; o seu conteúdo mudou, porque quem se serve dela tem novos objectivos, novos interesses.

Um camponês Moçambicano que produz arroz em Gaza para que serve a sua produção? Serve para ele comer, para satisfazer as necessidades da sua família? Talvez numa certa medida. Mas o que é certo, é que com o que obtém da produção, ele tem de pagar os impostos coloniais, impostos que financiam a polícia que o prende, impostos que pagam o ordenado do administrador que o oprime, impostos para comprar as armas dos soldados, que amanhã vão expulsar o camponês da sua terra, impostos para pagar o transporte e instalação de colonos, que vão ocupar a terra do camponês. O camponês produz para pagar os impostos, o camponês pelo seu trabalho financia a opressão de que é vítima.

Continuemos com este exemplo de um camponês que produz arroz. Ele para viver precisa de outras coisas além do arroz. Ele precisa de roupa, ele precisa de azeite, ele precisa de muitas coisas que tem de comprar na loja. Para comprar precisa de dinheiro e o dinheiro não cai do céu. Quer isto dizer que o camponês tem que ir vender o seu arroz à loja ou companhia. Ele vende as suas coisas por preços baixos e compra por preços 4 a 5 vezes mais altos do que quando vende. Com um saco de algodão, fabricam-se muitos metros de tecido de algodão, muitas camisolões. No entanto, quando vendemos um saco de algodão, o dinheiro que recebemos por um saco, mal dá para comprar uma só camisola. Quer isto dizer, que a produção que fazemos, o nosso suor combinado à terra, beneficia aquelas companhias, aqueles comerciantes que nada fizeram.

Na zona do inimigo estas são as formas mais suaves, menos cruéis de exploração. Há outras muito piores. Há a venda de trabalhadores para as minas. Os jovens partem fortes para as minas. Muitos morrem nos desastres das minas. Mais de 2500 morrem nas minas por ano. Outros, não sabendo o número, voltam sem um braço, sem uma perna, os pulmões comidos pela tuberculose. Os donos das minas são dos homens mais ricos do mundo. O ouro tirado das minas, é vendido a preços muito altos, mas quanto ganham os homens que morrem nas minas?

Ao longo do Zambeze, estão as ricas terras na Sena-Sugar. A Sena-Sugar ganha muitos e muitos milhares de contos por ano. Mas quem trabalha nas terras da rica Sena-Sugar, quanto ganha?

Nas minas de carvão de Montize, nos palmeirais da companhia da Zambézia, nas terras altas de chá do Curue, em toda a parte os homens moçambicanos cultivam machambas ricas, constroem prédios altos, fazem produzir fábricas de máquinas complicadas, mas em toda a parte, não é quem trabalha, quem sue por cima da terra, quem arrisca a vida na galeria da mina, não é esse quem beneficia do trabalho.

~~Na zona do inimigo, o trabalho determina a classe.~~ Na zona do inimigo, o trabalhador pelo seu trabalho, dá riqueza a quem não trabalha e encha a miséria para si.

Na zona do inimigo, o trabalho manual, o trabalho que cria tudo, é para os pobres, para os "brutos". Na zona do inimigo, o trabalho manual, o trabalho físico, pegar numa enxada, é para os "brutos", os "selvagens", os "analfabetos". Quanto menos se trabalha mais educado se é, quanto menos se trabalha mais civilizado se é, quanto mais se explora o trabalho dos outros e quanto mais se despreza os trabalhadores, mais respeitado, mais elevado se é na sociedade.

Quem pode imaginar um governador, um médico, um general, um banqueiro, com as mãos cheias de calos, os pés enterrados na terra, suando debaixo do sol no esforço de enxada? Seria considerado desonroso, vergonhoso, baixo.

Na zona do inimigo em que os exploradores, como ninhos, vivem do trabalho dos explorados, nas escolas, na rádio, no cinema, em toda a parte se ensina o desprezo pelo trabalho manual, a veneração pelos exploradores.

Na nossa zona é diferente. O trabalho não serve para enriquecer companhias e comerciantes, especuladores e parasitas.

O trabalho destina-se a satisfazer as necessidades do POVO e da guerra. Por isso mesmo, a nossa produção é objecto de ataques constantes do inimigo.

Na nossa zona, o trabalho é um acto de libertação, porque o resultado do trabalho beneficia os trabalhadores, serve os interesses dos trabalhadores, isto é, serve para libertar o homem da fome, da miséria, serve para fazer progredir a luta. Porque na nossa zona abolimos a exploração do homem, porque a produção é propriedade do Povo, ela serve o Povo.

Assim produzimos para os nossos interesses. É do nosso interesse fazer crescer crianças sãs libertas da doença, crianças fortes libertas da fome e do raquitismo.

Produzindo, contribuimos para alimentar correctamente as nossas crianças, o nosso Povo.

Cultivando, produzimos alimentos ricos em vitaminas, produzimos a cenoura que tem vitaminas que reforçam a nossa vista, produzimos a mandioca com folhas ricas em ferro, produzimos uma infinidade de produtos, do milho ao tomate, do feijão à alface, que dão forças ao organismo, produtos que pela sua diversidade e riqueza própria, e nos permitem beneficiar de uma alimentação variada, que, porque variada não só é mais agradável como também nos fornece uma dieta mais equilibrada que, por si mesmo, combate inúmeras doenças e nos torna mais resistentes. É de considerar ainda que o esforço físico da produção, em especial agrícola não só robustece os nossos músculos, enrigece o nosso corpo, como ainda, porque nos mantém em contacto com a natureza, nos mantém ao sol que nos dá as vitaminas (D, A) necessárias para a resistência do organismo, cria condições para gozarmos de uma saúde boa.

Por outro lado, é através da produção, do seu desenvolvimento e somente através da produção, que conseguiremos resolver as nossas necessidades crescentes. Em muitas regiões, porque conseguimos exportar para países amigos os nossos excedentes, atenuou-se o problema da roupa: o que exportamos dá-nos meios para comprarmos o que ainda não produzimos.

As nossas necessidades em roupa, em calçado, em sabão, só serão solucionadas por duas maneiras: aumentando as exportações, aumentamos o que podemos comprar, esta é uma maneira. A 2ª, mais eficaz embora a mais longo termo, é a de nós próprios produzirmos estes produtos.

Propositadamente falamos de tecido, de calçado e de sabão. A razão é simples: o nosso país, os nossos agricultores produzem o algodão com que se faz o tecido. A produção artesanal do tecido de algodão está ao alcance das nossas possibilidades. Nós possuímos as peles de vaca, cabritos e inúmeros outros animais e a partir das peles é que se produz o calçado. A produção artesanal do couro e do calçado, estão ao alcance das nossas possibilidades. Nós dispomos de matérias primas vegetais com que se produz o sabão, as experiências realizadas em Cabo Delgado, provam que estamos em condições de produzir sabão.

Por outro lado, o aumento da produção, através de um melhor aproveitamento dos nossos recursos utilização do estrume, irrigação, desenvolvimento da horticultura, criação de animais, etc., é possível como o provam as experiências realizadas em certas bases militares, e em centros pilotos.

A produção serve pois para solucionar os problemas essenciais de uma alimentação rica para a saúde e para cobrir o conjunto das nossas necessidades. Por isso, na nossa zona é honrado, é louvado quem trabalha, é criticado, é denunciado, é combatido e desprezado, quem quer viver explorando o trabalho dos outros.

Na nossa zona, porque o nosso combate é para libertar os trabalhadores explorados, é com orgulho que nós vemos as nossas mãos com calos, é com alegria que nós enterramos os nossos pés na terra. O trabalho na nossa zona, ajuda-nos a desenvolver a consciência da nossa origem, ajuda-nos a sentirmo-nos orgulhosos da nossa classe, ajuda-nos a liquidar os complexos que os colonialistas e capitalistas queriam impor-nos.

Nós dissemos já, que ao produzir estamos a aumentar ou reforçar a consciência da nossa origem estamos a desenvolver a consciência da nossa classe. Devemos também dizer, que estamos a unirmo-nos mais, a cimentar a nossa unidade.

Quando eu, nianja, estou a cultivar lado a lado com o ngoní, estou a suar com ele, com ele a arrancar vida à terra, eu estou a aprender com ele, estou a apreciar o seu suor, estou-me a sentir unido a ele. Quando eu, do centro, com um camarada do norte, com ele discuti como fazer uma machamba, como plantamos e o quê, juntos fizemos planos, juntos combatemos as dificuldades, juntos tivemos a alegria de colher a maçaroca crescida pelo nosso esforço comum, eu e esse camarada ficamos unidos, amamo-nos mais. Quando eu, do norte, aprendi com um camarada do sul a fazer horta, a irrigar os tomates vermelhos e carnudos, quando eu, do centro aprendi com o camarada do norte a fazer crescer a mandioca que desconhecia, estive-me a unir com esses camaradas, estive a viver, materialmente, a unidade da nossa Pátria, a unidade da nossa classe de trabalhadores. Estive a destruir com ele os preconceitos tribais, religiosos, linguísticos, tudo o que era secundário e nos dividia.

Com a planta que cresceu, com o suor e inteligência que ambos misturámos à terra, nasceu a unidade.

Constantemente na FRELIMO nós falamos de produção. Ao nosso exército demos as tarefas de combater, produzir e mobilizar as massas. À nossa juventude demos as tarefas de estudar, produzir e combater. Constantemente nas nossas discussões, nos nossos textos, se fala da importância da produção, diz-se que esta é uma frente importante do nosso combate, uma escola para nós.

Vimos que a nossa produção nos satisfaz as necessidades de vida e também nos liberta e nos une. Mas não vimos ainda que a produção é uma escola. Que na produção aprendemos. Talvez que algumas pessoas se surpreendam que nas nossas escolas os alunos consagram longas horas à produção, que o nosso exército tenha essa tarefa. Essas pessoas talvez digam que é absurdo, que mais valia os alunos empregarem esse tempo lendo livros, tendo aulas, que a tarefa do exército é combater e não produzir. Essas pessoas pensam assim porque isso lhes foi ensinado pelos capitalistas e colonialistas.

Nós também aprendemos na produção.

Os colonialistas e capitalistas porque não produzem e vivem da nossa produção, porque se pretendem sábios e dizem que nós somos brutos e ignorantes, nunca podem reconhecer que se aprende na produção, que a produção é uma das mais importantes escolas.

Mas nós sabemos que a produção é uma escola, que ela, a revolução, o combate, são escolas fundamentais.

Nós dizemos isso porque estamos esclarecidos pela consciência e experiência da nossa classe.

As nossas ideias não caem do céu como a chuva. Os nossos conhecimentos e experiências não vêm dos sonhos que temos a dormir.

Sem nunca ter ido à escola, o nosso camponês analfabeto sabe mais sobre a mandioca, o algodão o amendoim e muitas outras coisas, que o sr. doutor capitalista que nunca tocou numa enxada. Sem saberem ler, nós vemos que os nossos mecânicos conhecem mais profundamente o motor de um carro como montá-lo, como repará-lo, como fabricar a peça quebrada, do que o sr. dr. capitalista que nunca quis sujar as mãos com óleo do motor. Nós vemos os nossos pedreiros "ignorantes" os nossos carpinteiros e marceneiros "brutos", desprezados pelos doutores capitalistas, fazerem lindas casas, móveis belíssimos, que o senhor doutor capitalista aprecia muito, que o senhor doutor capitalista ignora totalmente como fazer.

Isto mostra claramente, que é na produção que nós aprendemos.

Não aprendemos tudo duma só vez. Um prato de massa não se engole duma só vez, mas pedaço a pedaço.

O que aprendemos, fazemos, quando fazemos, vemos o que ficou mal. Assim aprendemos dos erros e sucessos. Os erros mostram a deficiência do nosso conhecimento, os pontos fracos que devem ser eliminados. Isto quer dizer, que é produzindo que corrigimos os erros, a produção é que nos mostra que este terreno para dar bom tomate, precisa de mais estrume e qual estrume, que ali precisa mais água. É fazendo as experiências que fracassarem, que os nossos alunos aprenderam a fabricar sabão, foi fabricando sabão, que eles melhoraram a qualidade do sabão.

Onde aplicar as nossas ideias? Como saber se as nossas ideias estão erradas ou estão certas? Não foi lendo no céu ou no livro, que os nossos alunos descobriram os seus pontos fracos na fabricação do sabão. Não foi sonhando, que em Tete se começou a produzir mandioca, nenhum anjo desceu do céu para nós oferecer uma erva em Cabo Delgado.

A produção é uma escola, porque dela vêm os nossos conhecimentos, é na produção que aprendemos e corrigimos os nossos erros. É indo ao povo, trabalhando com o povo que aprendemos e ensinamos o povo.

Se o nosso exército não produziu-se como é que iríamos produzir mandioca em Tete, quando o povo desconhecia a mandioca? Se nos contentássemos a fazer discursos sobre a mandioca, seria que a mandioca havia de crescer? Como reforçar a capacidade de defesa da nossa produção em Tete, contra bombardeamentos, armas químicas e incursões do inimigo sem diversificarmos a nossa produção, sem introduzirmos novos produtos e produtos resistentes à acção do inimigo? Como é que o povo poderá corrigir os seus métodos de produção, ver onde está o bem e onde está o mal, senão produzindo?

Nós costumamos dizer, que aprendemos a guerra na guerra, o que quer dizer na realidade, que é fazendo a revolução que melhor aprendemos a fazer a revolução, é lutando que aprendemos a lutar melhor produzindo que aprendemos a melhor produzir. Podemos estudar muito, mas para que servirão essas toneladas de conhecimento, se não os levamos às massas, se não produzimos? Se alguém guarda sementes de milho na gaveta será que vai colhar a colheita?

Se alguém aprende muito e nunca vem às massas, nunca vai à prática, ficará um compêndio morto, um gravador, poderá citar de cor muitas passagens de obras científicas, de obras revolucionárias, mas a sua vida inteira não criará uma só página nova, uma só linha nova.

A sua inteligência ficará estéril, como aquela semente fechada na gaveta.

Nós precisamos de aplicar continuamente, precisamos de estar mergulhados na revolução e produção, para desenvolver os nossos conhecimentos, e fazer assim progredir o trabalho revolucionário, o trabalho de produção.

Na zona dos colonialistas portugueses há mais sábios capitalistas, mais técnicos do que na nossa zona. Só na cidade de Lourenço Marques, há, mais engenheiros, mais médicos mais agrónomos mais professores do que em todo o Moçambique inteiro. Mas de que serve isso? Perguntamos ainda, onde foi mais gente vacinada? Na nossa zona ou na zona do inimigo? É claro que foi na nossa zona, apesar de não termos médico nenhum, de não termos quase medicamentos. Antes em Cabo Delgado em Niassa, em Tete o Povo não sabia o que era o tratamento médico, apesar do inimigo dispôr de médicos, de medicamentos e de milhares de contos para o orçamento da saúde. Apesar de todos os agrónomos e planos económicos, não foi o inimigo que trouxe mandioca para Tete, ou hortas para Cabo Delgado, apesar de todos os seus ilustríssimos professores, não foi o inimigo quem criou escolas, laboratórios nas escolas, primárias, quem começou a alfabetizar os adultos.

A ciência do capitalismo e do colonialismo é estéril, é como a semente fechada na gaveta. É estéril porque está desligada das massas, ela é fundada no princípio que o Povo é bruto, de modo que nada se pode aprender do Povo, o Povo é bruto de modo que não vale a pena fornecer ao Povo conhecimentos científicos.

A semente do conhecimento só cresce quando for enterrada na terra da produção, da luta.

Se tanto transformámos já no nosso país os tantos sucessos obtivemos na produção, no ensino, na saúde, no combate, é porque continuamente estivemos nas massas, com elas aprendemos e a elas transmitimos o que aprendemos, continuamente na produção, no combate e no trabalho, aplicávamos corrigíamos e enriquecíamos os nossos conhecimentos.

Mas não devemos estar satisfeitos.

Não basta aplicar. É preciso também conhecer, estudar.

A inteligência sem a prática, sem se combinar com a força fica estéril. A força sem a inteligência, sem os conhecimentos, fica seca, fica bruta. Um elefante é mais forte do que um homem, mas porque o homem é inteligente, apesar de pequeno, pode fazer um carro que carregue mais do que qualquer elefante. Um homem não tem asas como um pássaro, mas porque possui inteligência, pode fabricar aviões que voam mais alto, mais depressa e mais longe que qualquer pássaro.

Nós no nosso trabalho temos ainda muitas deficiências, devemos e podemos corrigir. Essas deficiências resultam de uma aplicação insuficiente da inteligência do nosso trabalho. Todas as deficiências que temos, podem ser reduzidas a dois pontos: deficiências políticas e deficiências de conhecimentos científicos.

Em muitos sítios podíamos produzir mais e melhor, com menos esforços, com maior segurança contra a acção inimiga. Não o fazemos, porque não assumimos integralmente a nossa linha política, porque trazemos fortes em nós o individualismo, a corrupção herdadas da sociedade velha.

Um homem e a sua família, por muito enérgicos que sejam, por muito trabalhadores que sejam não podem ao mesmo tempo cultivar muitas e pequenas machambas. Isto é, dispersar o alvo para o inimigo, por outras palavras proteger a produção. Esse homem e a sua família, não podem ao mesmo tempo estar a cultivar várias machambas que dão produtos diferentes e por isso, uma comida mais rica. É-lhe impossível organizar um sistema de vigilância e protecção de todas as machambas, de todos os celeiros, da sua casa e povoação, contra as incursões e pilhagens do inimigo. Esse homem não pode estar a produzir e a fazer patrulhas em diferentes sítios, para vigiar o inimigo e impedir o ataque de surpresa.

Quer isto dizer que o individualismo, o espírito de propriedade privada, eu "mantenho a minha machamba, o meu gado, tu tens a tua machamba e o teu gado; eu tenho o meu celeiro e a minha casa, tu tens o teu celeiro e a tua casa", isso leva-nos ao fracasso, leva-nos a perder o gado, a machamba, a casa e o celeiro.

O individualismo, o espírito de propriedade privada, é um espírito capitalista, divide-nos, enfraquece-nos. Se eu quiser dar um soco com um só dedo, parto o meu dedo e o meu adversário fica a rir-se de mim; se eu unir todos os meus dedos, com a mão inteira derrubo o adversário pelo meu soco.

Uma outra consequência grave das limitações no espírito colectivo na produção das insuficiências dos métodos colectivos, é que isso impede-nos de aprender uns com os outros, de beneficiarmos das experiências e conhecimentos mútuos. Quando trabalhamos colectivamente, podemos discutir colectivamente e juntos vemos erros e sucessos, juntos nos interrogamos sobre as causas dos sucessos e erros, juntos vamos aplicar e por isso corrigir o que aprendemos. Quando trabalhamos juntos e discutimos juntos criamos o progresso-nasce práticas que enriquecerão as ideias. Quando trabalhamos juntos há progresso, há iniciativa.

Quando fazemos as coisas, devemos discutir para vermos o que é bom e o que é mau, guardar o milho e deitar fora a palha, separar o arroz das pedras. Tirar as lições de cada sucesso e fracasso, para enriquecer os nossos conhecimentos, o nosso trabalho. Mas quando agimos individualmente com quem vamos discutir, com quem vamos aprender com quem vamos tirar lições e aplicar lições? Trabalhando individualmente estamos a dar o soco com um dedo só. Devemos pois, responsáveis, quadros, combatentes, militantes, trabalhar com energia para fazer as massas assumirem e viverem o espírito de vida colectiva, utilizarem métodos colectivos de produção, o que permitirá elevar o espírito de unidade, de consciência de classe, de disciplina e de organização.

Assumir uma consciência colectiva no trabalho, significa abandonar o individualismo e considerar que todas as mechambas são nossas, do Povo, todos os celeiros e casas são nossas, do Povo. Quer dizer, unir-se com os outros numa cooperativa numa brigada de produção, juntos cultivamos, juntos organizamos a vigilância, juntos protegemos o que pertence, não a mim ou a ti, mas a nós. Este campo não é meu nem é teu, é nosso.

O aluno na escola, o soldado na base, o doente ou enfermeiro no hospital, possuem uma consciência colectiva, ninguém considera aquela escola, aquela base, aquele hospital, como propriedade privada, é por isso, que todos se interessam com muito entusiasmo em fazer progredir o trabalho daquela escola, daquela base, daquele hospital. O resultado é que há progresso, o trabalho avança, o inimigo não pode atacar com tanta facilidade.

Porque nessa escola, nessa base, nesse hospital, abandonemos o espírito de individualismo, o espírito de propriedade privada, porque assumimos uma consciência colectiva, estamos realmente a servir o Povo, a desenvolver a luta, a melhorar as nossas condições de trabalho e vida, estamos a unir-nos e mais ainda, estamos a desenvolver ainda mais a nossa consciência de classe.

É por esta razão em definitivo, que obtemos resultados superiores: onde existe espírito colectivo estamos mais organizados, existe mais disciplina, existe divisão correcta do trabalho, existe também mais iniciativa, mais espírito de sacrifício, aprendemos mais, produzimos mais, lutamos melhor, com mais determinação.

A nossa direcção ao nível do comité central, deverá depois de uma discussão profunda com os quadros, criar estatutos das cooperativas quer na produção agrícola e artesanal, quer no comércio.

Ao mesmo tempo e em colaboração com as estruturas Provinciais e o Departamento de Produção e Comércio, Comissariado Político deve-se esforçar por introduzir métodos de planificação e organização da produção e comércio, racionalizar o trabalho e tornar mais eficaz.

Outras insuficiências resultam do conhecimento superficial ou mesmo errado das leis que regem os fenómenos da natureza. São insuficiências no nosso conhecimento científico.

Muitas vezes perto do ponto da água rios e poços vivemos esperando as chuvas para as nossas bases, quando temos ali a água que resolve os nossos problemas. Outras vezes andamos nos queixando que a terra é pobre, quando desperdiçamos completamente os fertilizantes naturais, o estume da animal e do homem, que enriquecem a terra. Possuímos as matérias primas com que se fabrica o gão e continuamos sem sabão, podemos produzir, fiar e ter o algodão e continuamos sem roupa. Muitos exemplos podem ser dados, mas todos eles, mostram que a falta de conhecimentos científicos faz de nós regos, a solução do problema que enfrentamos está ao nosso alcance e nós não vemos, não temos coragem de iniciativa.

Combatamos os nossos conhecimentos insuficientes, estudando, aprendendo, discutindo, aplicando.

Há companheiros que desprezam o estudo, porque ignoram o seu valor. Estudo é como uma lanterna, na noite mostra-nos o caminho. Trabalhar sem estudar, é andar às cegas, pode-se avançar é certo, mas grandes são os riscos de tropeçarmos no nosso caminho.

Em certas bases, entre certos grupos de companheiros, criou-se o bom hábito de conseguir regularmente algum tempo ao estudo. Isto é bom mas é insuficiente.

Queremos propor a todos os camaradas, e todos os responsáveis e quadros, que organizem e trabalhem com as unidades, programas concertados e regulares de estudo. Que se consagre, de acordo com a situação, ao menos uma hora por dia para as actividades de estudo. Que se assegure, de acordo com a situação, o estudo de cada um.

O estudo deve ser organizado dentro do espírito de trabalho colectivo, da consciência colectiva, pequenos grupos, onde uns aprendam dos outros e todos juntos combatem a ignorância.

Nesta primeira fase, porque o nosso ponto de partida é bastante fraco, aconselhamos sobretudo que se consagre o esforço à elevação dos conhecimentos de base, em particular, a tarefa de liquidação da analfabetismo no seio das unidades e dos quadros.

O Comissariado Político em colaboração com o DEE, trabalhando em estreita colaboração com as estruturas Provinciais, deve organizar o programa de luta contra o analfabetismo, e a ignorância de maneira que cada base da FRELIMO se torne uma base de luta contra o obscurantismo.

de 1964, o Estado de São Paulo, através do Conselho Estadual de Cultura, criou o Conselho Estadual de Defesa da Cultura, órgão responsável por promover a preservação do patrimônio cultural do Estado. A criação do Conselho Estadual de Defesa da Cultura foi uma resposta direta à necessidade de proteger o patrimônio cultural do Estado de São Paulo, especialmente em face da pressão da urbanização e da industrialização sobre o meio ambiente e o patrimônio histórico.

Assim, os nossos camaradas poderão ligar o seu estudo científico com a prática e fazer elevar o nível do seu trabalho e do trabalho de massas.

O capitalismo, o colonialismo, porque precisam, para viver, da nossa exploração, devem-nos manter ignorantes e devem separar o conhecimento das massas, criar uma elite culta que não trabalha e só serve para melhor explorar a massa, guardada na ignorância.

Nada existe sem produção, nada existe sem trabalhadores. Os aviões e bombardeamentos, os crimes colonialistas, têm o objectivo de manter os trabalhadores a produzir para os capitalistas, manter os explorados. O alvo das nossas armas, o objectivo da nossa luta, em definitivo, é destruir a exploração do homem pelo homem, de que o colonialismo é hoje, a forma principal na nossa Pátria. Nosso objectivo é entregar a produção à capacidade criadora das massas.

A revolução liberta o homem, a sua inteligência, liberta o seu trabalho. Esta libertação manifesta-se pelo desenvolvimento dos nossos conhecimentos, pelo desenvolvimento da nossa produção, desenvolvimento que serve o Povo, que serve a luta.

PRODUIR É APRENDER. APRENDER PARA PRODUIR E LUTAR MELHOR.

Independência ou morte
Venceremos!